

3. fragmentos de uma história: O conflito positivo e sociabilidade no Hip Hop em Belém/PA.¹

Bruno Guilherme dos Santos Borda (UFPA)

Resumo: A partir das idéias simmelinas sobre conflito, sociação e sociabilidades, irei expor um fragmento da história do Movimento Hip Hop em Belém, e a dissidência do RAP Gospel, ou Cristão, para compreender os rearranjos que ocorreram neste, além de interpretar como sociabilidade e espaço social informam concepções e práticas culturais/e políticas do grupo em questão. A presente comunicação consiste num ensaio, produzido para compor a minha dissertação de mestrado, e analisa as concepções de "cultura" e "movimento" hip hop, bem como uma categoria nativa de territorialidade, ligada ao espaço da periferia urbana e área metropolitana de Belém, o "setor".

Palavras Chave: Sociabilidades, Hip Hop e Movimentos Sociais

“Lutando por justiça, paz e união, a família por aqui é formada só de irmãos, é nós aqui de cima direto pro mundão” (Família ALSS -Letra Alma Livre Sound System)

I. Introdução

No presente capítulo realizo um exercício reflexivo acerca do Hip Hop baseado na teoria simmeliana sobre os processos de “sociação”, utilizando também o conceito de “conflito” para compreender as “dissidências” no Hip Hop em Belém, mostrando a atualidade do pensamento deste autor alemão.

Parto aqui de uma análise mais macro sobre o Hip Hop como construção típica ideal para prosseguir em direção a análise do movimento na cidade de Belém, respeitando suas peculiaridades e conformação, no sentido de sedimentar um entendimento menos pragmático da idéia de “divergência” no movimento social negro, marcado pela diversidade e heterogeneidade no direcionamento político deste.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Pretendo então mostrar a importância do Hip Hop como movimento de aglutinação e mobilização da juventude discriminada das periferias das grandes cidades, onde muitas vezes o processo de socialização se dá no espaço da rua esquecido pelo estado, sem acesso a políticas públicas direcionadas, que visem garantia ao direito a educação, segurança e lazer.

Antes de adentrarmos as questões “específicas” aqui apontadas, é necessário que tenhamos um panorama geral da cultura Hip Hop, pois muitas coisas que vem no bojo desta manifestação, servem como orientadores de práticas e representações do grupo, e conhecer o Hip Hop, a partir de um “mito de criação” comungado por mim e pela maioria dos meus “manos” do hip hop em Belém, por entender que, mesmo sendo constituído por seleções típicas da memória coletiva, este fragmento de história oral contribui de alguma forma para compreender a BRG, hoje BRC.

II. O Hip Hop nos E.U.A., no Brasil e em Belém

A cultura Hip Hop tem suas origens nos imigrantes jamaicanos, que se instalaram no *Bronx e Harlem*², entre eles o que ficou mais conhecido, o Dj Kool Herc, que trazem o para os guetos nova-iorquinos o costume das festas promovidas nas ruas, onde para animar o público eles falavam em cima dos breaks da música, nascia assim o RAP. Esse estilo era, e ainda é, baseado em vocal falado, pelo MC ou Mestre de Cerimonias, em forma de “crônica” que utiliza samples eletrônicos como base musical.

Com esse início o Hip Hop engloba posteriormente o Break, dança de rua criada nos EUA como forma de protesto a guerra do Vietnã, pois utiliza movimentos “quebrados” representando os que voltaram mutilados e giros que simulam o movimento das hélices dos helicópteros, o Break sofreu influência nos EUA da dança *soul* e no Brasil da Capoeira.

O Graffiti, arte plástica que utiliza latas de tinta Spray na visualização do protesto, era utilizado antes pelo movimento *Punk*, e pelas gangues de Nova Iorque para

² Bairros negros de Nova Iorque

a demarcação dos territórios, foi incorporado ao Hip Hop através do mais conhecido dos Grafiteiros, Phase 2 .

A reunião desses quatro elementos, formará o que convencionamos chamar de "Cultura Hip Hop", tendo em nomes como África Baambata, Grand Master Flash e Rum DMC, para citar alguns e na posse Zulu Nation, seus principais impulsionadores.

A cultura em questão chega ao Brasil, justamente no contexto dos “bailes” *blacks* que aconteciam em São Paulo no início dos anos oitenta, dentre os mais conhecidos os da *Chic Show*, onde negros de periferia reuniam-se, e onde também começam a chegar os primeiros registros fonográficos de RAP, dentre eles o a música "The Message", de Grand Master Flash. A explosão do Hip Hop , em São Paulo e em seguida no Brasil, deve-se também às reuniões na estação de metrô São Bento, onde grandes nomes do Hip Hop atual como Thaíde & Dj Hum, Nelson Triunfo e Mano Brown (Racionais MC's) se encontravam para dançar Break.

É válido ressaltar, também, a importância atribuída pelas pessoas envolvidas na cultura Hip Hop, aos filmes *Beat Street* e *Collors: as cores da violência* onde mostravam a realidade dos jovens norte-americanos moradores dos guetos. O Hip Hop em Belém como em quase todo o Brasil, inicia através do Break, e em 1998 começam a se reunir primeiro na Praça da República, e posteriormente na praça Waldemar Henrique, Dj's MC's e que majoritariamente irão se organizar dentro da cultura.

O surgimento da NRP MH2O/Pa³ como a organização de maior expressão dessa cultura em Belém, deve-se ao fato desta entidade conter os que podemos assim chamar de "pioneiros" do Hip Hop em Belém, pioneiros no sentido de encarar a cultura como algo unido pelos quatro elementos, e de caráter político-contestatório.

A dissidência de alguns grupos, como a BRG, por exemplo, a separação do Mocambo (Movimento Afro-descendentes do Pará), que até então tinham integrantes ligados aos dois grupos, fez com que os integrantes que restaram sentissem a necessidade afirmar uma identidade própria, ostentar uma sigla que os diferenciasses perante os demais dentro da cultura Hip Hop, assim em uma reunião ocorrida no centro

³ Nação da Resistência Periférica, Movimento Hip Hop Organizado do Pará.

comunitário "Bom Jesus", no bairro da Terra Firme, escolhia-se a sigla NRP, e fundava-se o grupo onde os componentes do M.B.G.C. iriam atuar.

O surgimento da BRG dá-se justamente nesse contexto, onde no processo de formação da NRP, algumas temáticas eram levantadas afim de que se criasse um direcionamento político a se seguir pela organização, e um desses pontos era a questão da religião.

Por que essa temática em uma discussão política? Teoricamente, alguns trabalhos antropológicos e sociológicos⁴ têm demonstrado a situação de liminariedade entre essas duas esferas, porém a questão aqui, estava ligada ao posicionamento que deveria se tomar frente às religiões afro-brasileiras, item que na concepção de alguns integrantes da organização inicial (antes de chamar-se NRP), achavam necessário discutir, para que o posicionamento servisse de subsidio na luta pelos direitos da população negra.

Os integrantes do que hoje é considerada a BRG, na sua maioria integrantes do primeiro grupo de RAP Gospel JCA (Jesus Cristo em Ação), mostraram-se contrários a proposta de defender as religiões afro-brasileiras, pois a partir de suas concepções pentecostais, era inviável aceitar que se levantasse a bandeira de algo "do demônio". Muitos integrantes atuais da NRP, ainda tentaram argumentar por mais vezes, haja vista que essa discussão perdurou por três reuniões, mas o racha foi inevitável.

O grupo JCA decidiu se separar do grupo e junto a outros militantes do Hip Hop, que eram evangélicos, formaram a BRG e depois de migrarem basicamente de igrejas e comunidades evangélicas como a Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus e Comunidade Altar, conseguiram fundar uma célula da Igreja Deus é Fiel, a Torrente do Norte, que veio a se tornar em 2004 uma comunidade autônoma sob a orientação do Pastor/DJ Ênfase do grupo JCA.

III. O processo de sociação no hip hop: forma e conteúdo

De "Central da Periferia"⁵ a programas de auditório, trilha sonora de filmes,

⁴ Cf.:PIERUCCI & PRANDI (1996)

⁵ Programa televisivo da Rede Globo apresentado por Regina Case e que mostra grupos musicais que fazem sucesso nas periferias do país.

documentários e livros, e assim cresce a visibilidade do Hip Hop no Brasil, muitos são radicalmente contra, argumentando que não passa de apologia ao crime, as drogas e a violência, outros acreditam que o Hip Hop ainda é muito “americanizado” e que precisa ficar mais “brasileiro”, alguns o confundem com o Funk carioca e assim por diante, porém, poucos conseguem informações suficientes sobre esta cultura que, pouco a pouco, torna-se alternativa para jovens negros nas periferias brasileiras.

Em virtude do Hip Hop ser um fenômeno recente em terras brasileiras, a produção acadêmica sobre o tema a muito, no geral, tem se dedicado a demonstrar a importância desta cultura na formação de uma identidade baseada num ideal de negritude e de classe, demonstrando inclusive que muito desta produção tem sido gerada por pessoas engajadas de alguma forma na luta pelos direitos do segmento negro brasileiro, ou então esta produção sobre o Hip Hop tem refletido, na chamada “Antropologia Urbana”, sobre as práticas e representações de seus integrantes na/sobre a cidade.

Sendo assim podemos perceber que salta aos olhos de pesquisadores, e militantes também, a importância de duas variáveis no estudo sobre o Hip Hop: O espaço e a identidade. De que forma o Hip Hop proporciona um elo de ligação entre os participantes da cultura, fazendo com que estes ostentem símbolos comuns, utilizem um linguajar ou linguagem própria, se considerem fazendo parte de algo? E mais, de que forma o espaço geográfico e social informa essas práticas e representações?

Formar grupos de interesse ou cooperação nada tem de novo para a análise antropológica, sendo assim de muita valia é tentar compreender motivações e funcionamento destas associações. Para o Hip Hop isto não é diferente, a motivação da ação dos atores sociais é fonte primeira de entendimento deste fenômeno, concordando com Simmel (1983).

Por acreditar na força de proposições clássicas e propondo a verificação de sua atualidade, e o mais importante, a percepção de que estas podem trazer nova luz ao entendimento de fenômenos recentes, proponho que a constituição da cultura Hip Hop exemplifica um fenômeno de “sociação”, o que me permite visualizar as motivações, ou “conteúdos”, nas palavras de Simmel, e a “forma” que estas adquirem no processo.

As motivações no caso do Hip Hop, entendidas por Simmel (Idem: 60-61) enquanto conteúdos subjetivos, que entraram em relação recíproca formando uma unidade de sociação, obedecem a duas variáveis básicas, primeiro as relações raciais e segundo, a situação de classe. Sendo assim se faz necessário a análise destas motivações para o entendimento de uma unidade nomeada de Hip Hop, sempre atento para o procedimento heurístico adotado pelo sociólogo alemão, muito próximo ao “tipo ideal” weberiano (BOUDON, R. & BOURRICAUD, 2000: 500).

No que diz respeito a primeira, o Hip Hop na sua concepção atual é originário dos bairros do Bronx e Harllen, em Nova York (EUA), tem origens na cultura de festas de rua da Jamaica, e o rap, expressão musical da cultura, remete a estrutura de canto resposta da música africana, explicitamente observada nos cânticos do candomblé brasileiro. Todas estas referencias condensadas na situação do negro na diáspora, levam a associações entre estes com fins de enfrentamento do sistema inicialmente escravista/etnocêntrico e atualmente capitalista/racista. A reordenação das referencias deram origens a movimentos diferenciados como o rastafari jamaicano⁶, o samba brasileiro e o reggaeton porto riquenho, mas que carregam no seu bojo a negação da situação a que foram submetidos os africanos escravizados e seus descendentes, seja por meio da critica direta, da contra hegemonia religiosa, da ironia, do deboche ou da subversão moral.

A segunda variante esta ligada diretamente a primeira, a condição de sobrevivência oferecida aos negros nas ex-colônias no pós-escravidão estabeleceu um processo de segregação que em muitos paises institucionalizou-se em leis, como as “Jim Crow” norte-americanas, gerando um processo de substituição simbólica e social das “senzalas” pelas “favelas”, para ilustrar com um exemplo brasileiro. Esta situação gerou uma série de problemas sociais como desemprego, violência e banditismo, mas de certa forma também gerou um processo de solidariedade entre os submetidos a estas condições.

Desta forma a situação do negro e pobre nas Américas criou motivações de ordem política para este segmento social, segregado espacialmente e socialmente,

⁶ Sobre Rastafari Cf. : Ellis Cashmore (2000...), Stuart Hall (2006.).

julgado por sua cor e fenótipo, de forma estereotipada e homogenizadora, considerados “supersticiosos” e “perigosos”, fazendo com que estes se associem por motivos de resistência e enfrentamento em formas diversificadas, entre elas o Hip Hop. Petronilha Gonçalves e Silva & Luiz Alberto Oliveira Gonçalves em *O Jogo das Diferenças: multiculturalismo e seus contextos* (2000: 38), acerca da conformação e orientação do movimento negro no Brasil, nos dizem:

“No Brasil, a resistência se transformou em sinônimo de culturalismo, ou seja, o movimento em favor da defesa da cultura negra é visto, por alguns militantes e intelectuais, como um recurso dos grupos que não conseguem empreender uma ação propriamente política”

Podemos perceber então que neste contexto, o Hip Hop, enquanto movimento de cunho cultural e político, desde a década de oitenta no Brasil pode ser percebido enquanto forma de sociação, que se engendra a partir de interesses de segmento étnico-racial excluído do processo de construção de cidadania, e segregado espacialmente e socialmente nos grandes centros urbanos, processo com raízes históricas na escravidão.

Esta sociação obedece a uma lógica relacionada a um processo dialético entre rua e indivíduo, indivíduo e indivíduo, gerando relações recíprocas estabelecidas em laços de identidade e solidariedade entre os jovens negros das periferias das grandes metrópoles, submetidos a uma situação de desemprego e violência. A forma expressa desta sociação é o Hip Hop, cultura e movimento de reivindicação deste grupo social, de cunho lúdico-político, atualizados em rituais de afirmação de identidade negra, e de negação do *status quo* brasileiro.

IV. O conflito mantenedor do Hip Hop em Belém

Para localizar mais a discussão, e fugir a acusações de generalização, mesmo que esta não esteja em oposição à criação de modelos analíticos, é preciso compreender a historicidade e a dinâmica do Hip Hop em Belém, propondo demonstrar um caso que possivelmente ocorreu revestido de outras formas, e mesmo conteúdo, ou o inverso, mas que por isso mesmo vem a ser de interesse antropológico, não só, mas de interesse da sociedade em geral.

Para este exercício reflexivo inicial, sustentado na teoria simmeliana sobre as formas de sociação, considero importante estar ciente de que visualizamos duas relações extra grupo, mas de conteúdos semelhantes, com os partidos políticos, em especial os de esquerda, e com o movimento negro organizado, e ainda um contexto social e político, a ascensão e saída do partido dos trabalhadores da prefeitura municipal de Belém.

A formação de entidades no Hip Hop em Belém esteve em íntima ligação com a atuação de partidos políticos e movimentos negros junto à juventude, como observados em vários artigos da clássica coletânea *Rap e educação, rap é educação* (1999), organizada por Elaine Andrade, pedagoga e militante do Movimento Negro de São Paulo, sobre a organização e difusão do Hip Hop no Brasil. Em Belém, acerca dos partidos, temos a atuação principal do Partido dos Trabalhadores que preparava a campanha para a primeira eleição que o partido tinha reais condições de vencer, a prefeitura municipal de Belém.

Mas ao mesmo tempo uma entidade do movimento negro em Belém, o Mocambo, atuava diretamente na aglutinação de pessoas envolvidas com a cultura Hip Hop, muitos dos que foram vitais na consolidação de uma proposta organizatória no Hip Hop em Belém, como Muslim e Black Z, MCs de rap e ativistas do movimento. Porém esta relação foi abalada com o episódio do “Canto a Zumbi”, primeiro show de rap em Belém com participação de grupos de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Neste evento promovido no ano de 2000, a NRP em parceria com o Mocambo, trouxe a Belém os MCs Xis, Edi Rock (Racionais MCs), Lakers (Código Fatal) e MV Bill, e mais o DJ KL Jay (Racionais MCs), porém o evento infelizmente acabou não gerando o lucro necessário para pagar despesas como as passagens dos artistas, quanto a esta questão os dois movimentos não chegaram a um denominador comum de como quitar a dívida, isto tornou-se o estopim de uma divergência que encontrava raízes em visões diversificadas sobre os rumos e a condução da entidade NRP.

A NRP finalmente seria a primeira entidade que seria formada com interesses prioritários associados aos conceitos da cultura Hip Hop, negritude, classe e cultura de rua. Após este episódio, usado aqui como micro etnografia, muitas foram as relações desenvolvidas entre a NRP e outras entidades do Movimento Negro em Belém,

[Digite texto]

principalmente a partir da criação pela prefeitura do PT do Conselho Municipal do Negro, além das relações estabelecidas com outras entidades do Hip Hop. Estas relações vêm alternando momentos de divergência e aliança nas ações políticas e culturais.

A relação entre a NRP e as entidades que surgiram no seio dela, expressam bem como o conflito pode gerar uma sociação, ou agir para a manutenção de uma unidade, como o estabelecimento de várias entidades, cada qual com um direcionamento político definido, dentro do Hip Hop em Belém, o que garantiu a atuação do Hip Hop junto à juventude da Periferia da cidade, por meio de ações mais pontuais, principalmente em bairros como a Guanabara, o Guamá, a Terra Firme, o Tapanã e o Jurunas.

O conflito fez também, com que o direcionamento centralista, do PT fosse contestado pelo Hip Hop, ocasionado inclusive a não participação no último Festival De Cultura de Rua promovido pela prefeitura, festival este que contava com a parceria do Hip Hop organizado de Belém e promovia a visibilidade do projeto social da prefeitura chamado “Cores de Belém”, que trabalhava a linguagem do grafite com ex pixadores. Porém estes conflitos se demonstraram muito momentâneos e conduzidos pela lógica da “cobrança de políticas públicas”, mas o que não impede relações assimétricas entre o Hip Hop e os partidos. Principalmente quando institucionalizados no poder.

Podemos remeter então ao que nos diz Simmel sobre o conflito, pois este parece resolver divergências do Hip Hop, como mecanismo de manutenção do grupo de sociação, mas do que isso, o próprio conflito produz sociação, sendo assim:

“É claro que provavelmente não existe unidade social onde correntes convergentes e divergentes não estão inseparavelmente entrelaçadas. Um grupo absolutamente centrípeto e harmoniosos, uma ‘união’ pura (*Vereinigung*) não só é empiricamente irreal, como não poderia mostrar um processo de vida real”(1983: 124)

Estratégias segmentares e filiativas sempre estiveram presentes nas culturas africanas⁷, como modo de reprodução social, e continua a ser uma característica na cultura afro descendente Hip Hop, demonstrando inclusive tendência de movimentos de afirmação étnico-racial no Brasil como observam Petronilha Gonçalves e Silva & Luiz Alberto Oliveira Gonçalves (idem: 37):

⁷ Cf.:EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuers*. São Paulo-SP: Perspectiva, 1978.

“No movimento negro brasileiro, pode-se observar também uma certa diversidade ou, mais precisamente, uma dualidade entre cultura e política, por meio da qual os militantes buscam construir sua identidade. (...). Entretanto suas estratificações internas comportam também clivagens que passam pelo grupo de mulheres reivindicando sua especificidade, pelas organizações religiosas e pelos engajamentos políticos, seja de direita, de esquerda, ou de centro.”

Os autores sustentam também, que esta diversidade de “matizes”⁸ ideológicas, apenas reflete uma reformulação do “conceito de resistência” (Idem: 38), e em nenhum momento reflete não organização ou sentido de ação no movimento, sustentando a idéia de Simmel acerca do conflito como elemento sociativo, expresso nesta passagem:

“Assim como o universo precisa de ‘amor e ódio’, isto é, de forças de atração e forças de repulsão, para que tenha uma forma qualquer, assim também a sociedade, para alcançar determinada configuração, precisa de quantidades proporcionais de harmonia e desarmonia, de associação e competição, de tendências favoráveis e desfavoráveis.” (Simmel, 1983: 124)

O Hip Hop então de certa forma se retro-alimenta de seus próprios conflitos internos, que forçam um exercício de respeito as diferenças, uma das principais demandas desse movimento, além de aprender como se portar numa relação com outros movimentos e partidos políticos, no caso específico de Belém, e notória a expansão do movimento a partir de dois conflitos específicos, a separação do Mocambo, gerando uma entidade especificamente de orientação Hip Hop, e a dissidência da BRG, o que mostrou para os adeptos da cultura na cidade, que nem todos deveriam estar obrigatoriamente ligados a NRP, descentralizando do bairro da Terra Firme, bairro sede da entidade, as ações do movimento.

V. A BRG no Hip Hop: Cultura ou Movimento?

Para podermos ter uma espécie de “chão” onde não nos percamos mais em expressões que são correntes para identificar o Hip Hop, acredito ser de suma importância partir pra uma conceituação, ainda que provisória, do Hip Hop, ou seja, a distinção entre "Cultura Hip Hop" e "Movimento Hip Hop". Normalmente estas categorias vem sendo utilizadas pelos autores significando a mesma coisa, porém no decorrer da pesquisa de campo, pude observar que para os adeptos do Hip Hop elas designam duas idéias diferentes, mas que se complementam.

⁸ Estou usando aqui a expressão matiz no sentido em que Gabriel Cohn (1998) emprega para caracterizar a operação analítica de Simmel sobre a sociedade.

Destra forma, uma pessoa pode fazer parte da cultura, ou seja, praticar um dos quatro elementos (RAP, Breack, Grafite e DJ), mas não necessariamente fará parte do movimento caso não esteja ligado a nenhuma posse, entidade, ong, etc. Ao mesmo tempo em que existem pessoas militando nessas associações e que não praticam nenhum dos elementos, porém pode se dizer que elas fazem parte do movimento. Este conceito tem sido usado inclusive em embates de pessoas do Hip Hop, de um lado aqueles que só possuem interesse na indústria fonográfica do RAP que tem crescido bastante no Brasil nos últimos dez anos, atraindo interesse das grandes gravadoras multinacionais, acusando os “do movimento” de quererem impor autoritariamente uma postura ativista e militante dentro do Hip Hop brasileiro, considerando os primeiros como “vendidos” ou “comédias”.

A Cultura Hip Hop, é entendida por mim enquanto um conjunto de representações e produções simbólicas forjadas no espaço da rua, a rua aqui como espaço característico de produtor de sociabilidades nas grandes cidades, esta rua no que diz respeito ao Hip Hop entra numa relação dialética com o Hip Hopper, que interpreta os símbolos da rua numa lógica que nega a existência deste, e ao mesmo tempo gera uma poética visual, corporal e sonora de cunho antropofágico e devolve a visão dos “segregados” periféricos aos moradores em geral da cidade, sendo inclusive artigo de consumo por parte de pessoas não participam desta linguagem cultural.

Já o "Movimento Hip Hop", se caracteriza pela organização e aglutinação de pessoas ligadas, direta ou indiretamente, a Cultura Hip Hop em torno de objetivos político-sociais específicos. Podemos sustentar esta hipótese de Movimento, de acordo com estas características, a partir da conceituação proposta por Jacobi (1980; 1987), onde existiriam para o autor os chamados movimentos "reivindicatórios" e os "organizados", sendo que no primeiro a participação restringe-se a considerar determinada demanda que quando alcançada, faz com que seus participantes se considerem satisfeitos, enquanto que no segundo caso, a exemplo do MST e de grupos no Hip Hop, existe um contínuo nas ações.

É claro que tenho a consciência de que essa conceituação preliminar ainda encontra-se sujeita a um amadurecimento, e são bem vindas às críticas que venham a ajudar em uma elaboração mais consistente que dê conta do fenômeno pesquisado.

Concebo desta forma, a BRG como uma entidade organizada do Movimento Hip Hop, pois a entidade abarca pessoas oriundas de bairros diferentes da periferia da Belém e área metropolitana, com fins de organização visando mudanças estruturais na sociedade e que possuem característica de duração contínua, e não apenas de aglutinação espontânea e momentânea, como no caso dos movimentos reivindicatórios, sendo o “Movimento” parte integrante e não oposta a “Cultura” Hip Hop.

VI. Espaço de sociabilidade primeira: O “Setor”

Já foi falado aqui que a relação da BRG e do Hip Hop com a cidade é uma relação dialética, onde o simbolismo da cidade informa práticas e representações no grupo, e um destes simbolismos é a divisão territorial entre centro e periferia, sendo para os integrantes do Hip Hop em geral de suma importância na construção de sua identidade pertencer ao espaço caracterizado como a parte, “marginal” ou na expressão nativa, “periférico”.

O antropólogo José Guilherme Magnani (2000) propõe uma categoria que encontra um termo local que exprime a mesma idéia é o “Pedaço”, que constitui um espaço de referência para determinado grupo que tecem redes de relações, estabelecem regras de lealdade, estando localizado no intermediário entre o privado e o público - ou a casa e a rua (DA MATTA *Apud* MAGNANI, 2000) - gerando uma sociabilidade mais ampla que a familiar e mais densa que a imposta pela sociedade, sendo esse (o pedaço) resultado de práticas coletivas e lugar de seu exercício, esta categoria estaria relacionada a idéia de “setor”, termo local utilizado por pessoas da periferia de Belém e “quebrada” termo utilizado pelo Hip Hop em todo país.

Mas há de se apreender a peculiaridade da idéia de “setor”, num movimento comparativo com a idéia de “quebrada” de origem paulista e difundida como gíria nacional no Hip Hop brasileiro. Para o jovem paraense morador da periferia, e por consequência o do Hip Hop, o termo “setor” é gradativo e contrastivo, ou seja, depende

[Digite texto]

das identidades que estão sendo confrontadas e atua como o sistema segmentar observado Evans-Pritchard em *Os Nuers*, onde o continuum entre linhagens máximas e linhagens mínimas irá depender da situação em que a pertença seja interessante de se evocar.

Assim, o *setor* pode ir da casa da pessoa em confronto com uma da mesma rua, a rua mediante outras do bairro e o bairro, caso de utilização mais comum, em relação a outros bairros. O “setor” é a subdivisão de periferia nas representações extremamente territoriais da cultura Hip Hop, onde um dos fatores de maior importância no reconhecimento e legitimação identitário está presente na pertença a um “setor periférico” ou se necessitando ressaltar o estado de abandono pelo poder público em relação a saúde, habitação, educação e segurança, um “setor sujeira”.

VII. Atuação no “setor”: Evangelismo/festa de rua

Durante minhas pesquisa na BRG, acompanhei no trabalho de campo a atuação da entidade em eventos do Hip Hop secular, em suas reuniões, nos cultos da comunidade Torrente do Norte, e nos chamados evangelismo de rua. Este evangelismo que pouca atenção recebeu minha no trabalho de conclusão de curso merece uma atenção especial por indicar um dos momentos mais interessantes de manifestação da reinterpretação feita pelo grupo de uma atividade fundante da cultura Hip Hop: a Festa de rua.

Utilizarei aqui as observações feitas principalmente numa evangelização de rua no ano de 2003, na rua Liberato de Castro no bairro do Guamá, onde a BRG com seu sistema de som, que consistia em duas caixas amplificadas de um metro de altura mais ou menos, um par de toca-discos, um mixer, um cd player e três microfones, tudo devidamente instalado na calçada ao lado do colégio Frei Daniel, espaço estratégico onde jovens transitam e m decorrência das aulas e da prática muito comum do skate, além de nas imediações do perímetro haver vários “trailers” como são conhecidas as lanchonetes móveis que se instalam nas ruas em Belém.

Armado o sistema de som, o DJ Ênfase inicia com uma oração e depois expõe quais os objetivos da entidade com o evento, entre esses de levar a comunidade uma

[Digite texto]

alternativa a vida dura que se enfrenta na periferia das grandes cidades, o objetivo, segundo Ênfase, seria de oferecer o Hip Hop cristão como uma espécie de escudo para a sobrevivência na “selva de pedra”. É perceptível no discurso de ênfase de não ser tão explícito em seu proselitismo cristão, pois uma atitude desta natureza, presente nos evangelismos de rua de outras denominações evangélicas, iria afastar um público secular, principal alvo do evangelismo de rua.

O Evangelismo que iniciou como a oração/pregação de Ênfase segue agora como uma mostra da produção artística da BRG, grupos de RAP se apresentam tocando uma ou duas música cada, seguem a mesma linha de discurso de seu líder, e tentam sensibilizar a população com a idéia de que o Hip Hop salva vidas, ou seria almas? Bom, em meio a isto é interessantíssimo que sempre há um MC ou grupo secular convidado a participar do evento, o motivo segundo a BRG seria de que eles querem mostrar que não possuem preconceito com o Hip Hop secular da qual são oriundos, contanto que o grupo traga mensagens positivas em suas letras, mas, por trás do discurso pode se perceber também o interesse ligado a não agressividade do proselitismo, onde um grupo secular poderia atrair novos públicos para a ação.

Assim, podemos perceber que a tuação da BRG no seu “setor” combina elementos culturais do Hip Hop (*Block Partys*-Festa de Rua) e do pentecostalismo (evangelismo de rua) na sua conduta perante o mundo, e se antes as festas de rua, com a disputa de equipes de breack, eram organizadas com fins de diversão e diminuição da violência nos guetos norte americanos, aqui a BRG atualiza este ritual na tentativa de ir mais além, conseguir almas para a “obra do senhor”, mostrando de que forma a juventude e a religião resignificam o espaço urbano a partir de sua própria lógica.

VIII. Pré Mixagem: Reflexões, pré-interpretações e experimentações num formato de artigo.

Neste capítulo pretendi iniciar uma reflexão acerca do Hip Hop utilizando os conceitos propostos por Simmel de “sociação” e “conflito”, pois acredito na força que estas proposições que se convencionou chamar clássica, apesar de Simmel não figurar entre o tripé Marx-Durkheim-Weber, os chamados pais fundadores da sociologia, o autor alemão talvez seja de longe o que mais proporciona reflexões acerca de um *modus*

[Digite texto]

vivendi contemporâneo urbano, influenciando a chamada escola de Chicago e um dos pioneiro dos estudos de antropologia urbana no Brasil, Gilberto Velho.

Percebo então que no mundo contemporâneo, muitas possibilidades de sociabilidade são oferecidas a juventude, tendo inclusive os que defendem a internet como uma delas, porém no que diz respeito a juventude pobre e que é oriunda de grupos etnicamente ou religiosamente discriminados, os elementos do Hip Hop sem dúvida é uma das formas mais difundida pelo mundo, sendo encontrada em praticamente em todos os continentes, principalmente os que receberam os africanos da diáspora.

O processo sociativo no Hip Hop se alimenta das experiências dos jovens no contexto urbano, e ressignifica símbolos de segregação sócio-espacial que as metrópoles criam, como a dicotomia centro-periferia, além de proporcionar a construção de uma identidade negra baseada no enfrentamento do racismo, com suas devidas peculiaridades nos países, e no Brasil especificamente, a negação desta negritude em prol de um ideário de “Democracia Racial”.

Analisar o Hip Hop a partir das noções de “conteúdo” e “forma”, proporciona uma reflexão que ultrapassa a posição de um observador que “plana” sobre seu objeto, pois facilita o exame “por dentro” das ações sociais, de indivíduos motivados a se associarem por objetivos em comum ou interdependente, retirando da noção de “sociedade” a imagem de uma entidade sobrenatural, por que não dizer metafísica, que paira sobre os indivíduos de carne, osso e “espírito”.

Voltando ao exemplo aqui analisado, o Hip Hop em Belém, o conceito de “conflito” demonstra um nível de operacionalidade que responde a indagação sobre as consequências das chamadas dissidências no seio do movimento, que num primeiro exame menos atento, ou enviesado, poderia demonstrar de forma superficial uma fragmentação pernicioso para o movimento, o que como vimos não corresponde a dinâmica social na prática.

O conflito em Belém configurou, e configura, elemento sociativo que garante a reprodução social do movimento, resolvendo “dualismos divergentes” (Simmel, 1983:122) e proporcionando a constituição de uma unidade social, entendida por

[Digite texto]

Simmel enquanto a “síntese total do grupo de pessoas, de energias e formas, isto é, a totalidade suprema daquele grupo, uma totalidade que abrange tanto as relações estritamente unitárias quanto as relações duais” (Idem:133).

Sendo assim, acredito aqui neste exercício reflexivo não ter conseguido avançar muito em alguns tópicos discutidos, mas tenho certeza de que caminho no sentido de contribuir para a expansão da discussão sobre vários aspectos, e o que me seduz com mais intensidade, a possibilidade de rediscutir posicionamentos de ordem conservadora ou “ortodoxa”, para usar uma expressão largamente utilizada em relação ao conhecimento religioso.

A BRG enquanto parte de meu universo cultural possibilita um ponto de estranhamento a religião, mas confesso que muitas vezes, tirando o fato de eu não freqüentar a Torre do Norte como fiel, não consigo reconhecer diferenças tão gritantes entre eu e eles. O Hip Hop tem tido esta característica de unir muito mais que divide, pois quando parece que um grande racha aconteceu, ele leva mais a frente em longo prazo a um auto-ajustamento a realidade local aonde ele sofreu este processo.

Assim, a BRG surgiu da NRP e hoje é impossível pensar o Hip Hop de Belém sem estas duas entidades, cada uma atuando sob suas representações e muitas vezes se aliando em prol de objetivos almejados pelo Hip Hop de forma geral. Seculares e Gospel's são devedores da cultura Hip Hop que organiza e informa suas práticas, valores e representações num processo de interação com o espaço urbano, resignificando este a partir de suas vivências.

A BRG na sua particularidade muito tem de nacional e global, expressos na resistência a pobreza e ao racismo, no culto a um Deus redentor, na prática prosélita/educativa do evangelho/cultura de rua e demarcação de identidades autoprotetoras frente ao mundo capitalista. A BRG cumpre seu papel de mostrar como responde a questões gerais de interesse das classes em disputa, dos segmentos étnico raciais formadores do Brasil, sendo um exemplo entre muitos, consegue ser muitos exemplos em um.

IX. Bibliografia Utilizada e Consultada

ANDRADE, Elaine N. de. (Org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

BOUDON, R. & BOURRICAUD, F. "Simmel, Georg". In: *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Ática, 2000.

COHN, Gabriel. "As diferenças finas: De Simmel a Luhmann". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. VOL. 13, Nº 38, São Paulo, outubro, 1998.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuers*. São Paulo-SP: Perspectiva, 1978.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. *O Jogo das Diferenças: O multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

JACOBI, Pedro. "Movimentos Sociais Urbanos no Brasil". In.: *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (bib)*. Rio de janeiro, n. 9, pp 22-30, 1980.

_____. "Movimentos Sociais Urbanos no Brasil: Reflexão sobre a Literatura nos Anos 70 e 80". In.: *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (bib)*. Rio de janeiro, n. 23, pp 18-34, 1987.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil: Religião, sociedade e política*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SILVA, Vagner Gonçalves da, REIS, Letícia Vidor de Souza & SILVA, José Carlos (Orgs). *Antropologia e Seus Espelhos: A etnografia vista pelos observados*. São Paulo: FFLCH/USP, 1994.

SIMMEL, Georg. "O problema da sociologia". In: MORAES FILHO, Evaristo de. *Simmel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

[Digite texto]

_____. “A natureza sociológica do conflito”. In: MORAES FILHO, Evaristo de. *Simmel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed. Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. “O Antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: *O Desafio na Cidade: Novas e velhas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. “Observando o familiar”. In: *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.